



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE / PB

\

JOGLI GIDEL DE ALMEIDA CARVALHO

**O ISLAMISMO NA VISÃO DOS ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO DA
ESCOLA VIRGEM DE LOURDES**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

JOGLI GIDEL DE ALMEIDA CARVALHO

**O ISLAMISMO NA VISÃO DOS ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO DA
ESCOLA VIRGEM DE LOURDES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação **Licenciatura Plena Em
Geografia** da Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para obtenção do grau
de Licenciado em Geografia.

Orientador: Esp. Daniel Campos Martins

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C331i Carvalho, Jogli Gidel de Almeida.
O islamismo na visão dos alunos da 3ª Série do ensino médio da escola Virgem De Lourdes [manuscrito] / Jogli Gidel de Almeida Carvalho. – 2012.
32 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Esp. Daniel Campos Martins, Departamento de Geografia”.

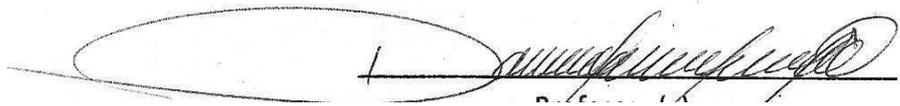
1. Islamismo - Religião. 2. Etnocentrismo. 3. Diferenças Culturais - Identidade Social. I. Título.

21. ed. CDD 297.2

JOGLI GIDEL DE ALMEIDA CARVALHO

**O ISLAMISMO NA VISÃO DOS ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO DA
ESCOLA VIRGEM DE LOURDES**

Aprovada em 05/12/2012.



Prof. Esp. Daniel Campos Martins / UEPB
Orientador



Prof. Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos / UEPB
Examinador



Profª. Dra Aretuza Candeia de Melo / UEPB
Examinadora

O ISLAMISMO NA VISÃO DOS ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA VIRGEM DE LOURDES

CARVALHO, Jogli Gidel De Almeida

RESUMO

A globalização aproxima as diferentes identidades, os meios de comunicação patrocinados por particulares e governos, sobretudo de grandes potências ocidentais, criam uma percepção padronizada da realidade e o etnocentrismo passa a ser frequente. Conhecer profundamente as diferentes identidades, averiguar as informações que são difundidas pelos meios de comunicação, devem ser uma constante no mundo globalizado para evitar sentimentos xenófobos, preconceituosos incompatíveis com a consolidação dos direitos humanos e de uma aldeia global. Este trabalho se propõe a diagnosticar o entendimento dos alunos da Escola Virgem de Lourdes sobre o Islamismo, compreender de que maneira os meios de comunicação têm contribuído para a criação de uma imagem acerca das populações e da identidade islâmica. Desta maneira procura-se estimular uma nova e mais verdadeira visão sobre a religião e as populações que professam a fé islâmica. Esta realidade só será possível com um estudo aprofundado sobre os diferentes grupos islâmicos e a prática constante e insistente em separar a fé da história concreta desta identidade. É necessário um estudo sobre os princípios desta religião associado aos princípios de religiões como Judaísmo e Cristianismo. Perceber a afinidade entre estas religiões é o passo inicial para uma nova fase de entendimento de ocidentais em relação ao Islamismo.

palavras-chave: Islamismo, Fundamentalismo, Etnocentrismo.

ABSTRACT

Globalization approaches different identities, means of communications sponsored by individuals and governments, especially the major Western powers, creates a standardized perception of reality and ethnocentrism becomes frequent. Therefore, knowing deeply the different identities, verify the information that is disseminated by the media should be a constant in the globalized world to avoid xenophobic sentiments, bigoted incompatible with human rights and consolidation of a global village. This study aims to analyze the students' vision of Our Lady of Lourdes School on Islam, to understand how the means of communication have contributed to creating an image about the people and the Islamic identity. Thus we seek to stimulate a new vision and more about the true religion and the people who profess the Islamic faith. This reality is only possible with a detailed study of the different Islamic groups and practice constant and insistent on separating faith from concrete history of this identity. Make yourself necessary to an explanation of the principles of this religion always combining the principles of religions like Judaism and Christianity. Understand the affinity between these religions is the initial step in a new phase of understanding in relation to Western Islam.

KEYWORDS: Islam, Fundamentalism, Ethnocentrism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1	Globalização e Crise de Identidades	10
2.2-	Identidades Islâmica e Ocidental e suas Características Fisiográficas	12
2.4-	A Utilização dos Xiitas na Compreensão da Identidade Islâmica	15
3	CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE E DA ESCOLA VIRGEM DE LOURDES	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa diagnosticar e analisar o entendimento dos alunos da 3ª Série do Ensino Médio da Escola Virgem de Lourdes a respeito do Islamismo. Isso porque durante as aulas de geopolítica, diversidade cultural, territorialidade e temas relacionados, muitos alunos tinham uma visão distorcida dos princípios da religião islâmica a ponto de associá-lo ao terrorismo, ao fundamentalismo, a jihad¹ e inclusive ser tachada de uma religião sem afinidade com judaísmo e cristianismo e ser vista como uma fé descontextualizada do mundo globalizado.

Partindo do pressuposto que as pessoas de modo geral confundem Islamismo com terrorismo, do estranhamento pelo fato de as mulheres islâmicas andarem geralmente cobertas e questionando se a mídia contribui para uma compreensão correta do Islã ou se há um interesse em deturpar este sagrado. Este artigo foi dissertado num contexto da Primavera Árabe², fato que aumentou as notícias na mídia sobre o mundo islâmico.

Para captar a opinião dos alunos a respeito da temática foi elaborado e aplicado um questionário com sete questões que tratavam de temas polêmicos como a associação entre Islamismo e terrorismo; a influência da mídia no entendimento da identidade islâmica; sobre as chances de ocidentais tornarem-se seguidores do Islã e sobre a participação das mulheres em países de maioria islâmica. E para compreender mais profundamente a visão dos jovens alunos com faixa etária entre 17 e 18 anos, foi pedido em uma questão subjetiva que deixassem uma mensagem aos seguidores da tradição islâmica.

Utilizando-se do método quantitativo foi possível verificar, de maneira direta, a opinião dos alunos sobre o tema. Este método foi utilizado também, devido à necessidade de mostrar em gráficos o resultado da pesquisa e conseqüentemente sua discussão. Apoiado nos princípios do método qualitativo e dialético foi possível perceber as realidades que estavam inseridos os jovens alvo da pesquisa e compreender a sua visão acerca da identidade islâmica.

A profundidade do tema exigiu uma árdua e honrosa pesquisa sobre o nascimento do Islamismo e de seu fundador, Maomé ou Mohamed. Com ela foi possível perceber a rápida e violenta expansão islâmica ocorrida entre 661 e 750 da era cristã. Detectou-se o início da discórdia entre os seguidores islâmicos, o nascimento do fundamentalismo, do extremismo religioso, da famigerada, mal explicada e erroneamente compreendida jihad, que para os seguidores sunitas trata-se de uma luta interna e que deve ser vencida com a ponta aguda dos preceitos religiosos.

¹ Jihad é uma palavra usada para se referir a guerra santa islâmica.

² Primavera Árabe é o termo usado para designar um movimento popular por democracia em países do norte da África e Oriente Médio.

Com a pesquisa realizada, foi possível elencar fatos históricos que contribuíram e contribuem para a criação de uma identidade islâmica violenta e que devido posicionamento dos meios de comunicação a outros fatores, formou-se uma falsa idéia entre a mensagem da religião islâmica e sua história concreta. Elucidar como foram criadas as deturpações em torno do Islamismo, sugerir soluções para uma convivência pacífica entre as identidades também se torna um dos principais objetivos deste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Globalização e Crise de Identidades

Nos últimos anos, o contato de populações islâmicas localizadas no Sudoeste da Ásia em países como Síria, Irã, Bahrein e Iêmen, ocorrendo o mesmo no Norte da África com Tunísia, Argélia, Líbia e Egito, com tecnologias oriundas de países ocidentais, como Estados Unidos, trouxe uma nova realidade e colocou frente a frente duas principais formas e valores de organização social, cultural e política, gerando, assim, uma crise de identidade.

Como observa o crítico cultural Kobena Mercer “A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, p. 43 apud: Hall, 2006 p. 9).

De um lado jovens ocidentais da elite campinense, participantes do mundo globalizado e detentores de inúmeras ferramentas tecnológicas que reduz as distâncias e as realidades a um espaço virtual, de quase tudo podem acessar e conhecer. Do outro, populações islâmicas empobrecidas com baixo grau de escolaridade e que só agora de maneira muito tímida, lenta e quase imperceptível começam a acessar ferramentas tecnológicas. É triste lembrar o caso da menina cristã paquistanesa Malala, punida por desejar estudar e por supostamente ter queimado folhas do Alcorão.

Estas condições refletem o próprio processo de globalização, pois houve de fato aproximação de diferentes culturas, porém não ocorreu na mesma proporção uma integração dos benefícios que a globalização poderia provocar.

Como afirma o geógrafo Ribeiro (2001):

Porém, ao olhar para o lugar, para onde as pessoas vivem em seu cotidiano, identifica-se o lado perverso e excludente da globalização, em especial quando os lugares ficam nas áreas pobres do mundo (...). A globalização é a fragmentação ao expressar no lugar os particularismos étnicos, nacionais, religiosos e os excluídos dos processos econômicos com objetivo de acumulação de riqueza ou de fomentar o conflito. (RIBEIRO, 2001.p. 167 apud Santos, 2004).

E para o geógrafo marxista britânico, Harvey:

Por meio da experiência de tudo – comida, hábitos culinários, música, televisão, espetáculos e cinema – hoje é possível vivenciar a geografia do mundo vicariamente, como um simulacro. O entrelaçamento de simulacro da vida diária reúne no mesmo espaço e no mesmo tempo diferentes mundos (de mercadorias). Mas ele o faz de tal modo que oculta de maneira quase perfeita quaisquer vestígios de origem, dos processos de trabalhos que os produziram ou das relações sociais implicados em sua produção. (HARVERY apud RIBEIRO, 2004, p.169)

O consumo de mercadorias fabricadas em escala mundial passa a idéia da existência de uma aldeia global. Fica evidente que as forças da globalização atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando de maneira diferenciada as várias comunidades e organizações, por isso acaba por valorizar o estudo dos diferentes lugares para compreender os elementos centrais de cada identidade, conhecer possibilidades econômicas e entender os inúmeros conflitos bélicos no mundo atual.

Este debate entre Ocidente e o mundo islâmico não é recente e o estranhamento ocorre de ambos os lados. Lawrence Wright (2007) em seu livro “O Vulto das Torres”, conta que um educador egípcio chamado Sayyid Qutb viveu uma crise de fé em um navio a caminho de Nova York e escreveu: “Devo ir para os Estados Unidos como qualquer estudante normal com uma bolsa de estudos, com que só se come e dorme, ou devo ser especial?”, ele se perguntou. “Devo me ater às minhas crenças islâmicas, enfrentando as várias tentações ao meu redor?”. Era novembro de 1948. (QUTB apud WRIGHT, 2007, p. 19).

O referido autor ainda conta que o escritor egípcio preocupava-se também com o avanço de uma civilização ocidental dominadora: “O islã e o Oriente de um lado, e Ocidente cristã de outro”. (QUTB apud WRIGHT, 2007, p. 20). Este fato ocorreu num contexto histórico muito importante para as relações entre as partes aqui estudadas: a criação do Estado de Israel, que significou a instalação de um Estado judeu dentro do mundo islâmico.

A revolta dos muçulmanos contra o Ocidente tem muitas causas entre elas à acima citada. O estranhamento de islâmicos em relação aos ocidentais ocorre também em função das diferenças de valores. Wright conta que quando Qutb chegou à Nova York teve contato com um relatório intitulado *Sexual Behavior in the human male* ou comportamento sexual do macho humano. “37% dos homens americanos pesquisados haviam tido uma experiência homossexual até chegar ao orgasmo, quase metade se entregara ao sexo extraconjugal e 69% haviam pago por sexo com prostitutas” (WRIGHT, 2007, p. 24-25). Espantado o egípcio escreveu: “Um rebanho impulsivo e iludido que só conhece a luxúria e dinheiro”. (QUTB apud WRIGHT, 2007, p. 25).

Esta é a visão só de um conservador islâmico ou é de um princípio religioso? Será que os valores do cristianismo também não se opõem ao comportamento acima? A mídia mostra sempre o conservadorismo islâmico como algo bem negativo e com naturalidade a degradação sexual dos ocidentais. Neste contexto é importante lembrar a cobertura dada pela mídia ao caso da iraniana acusada de traição, Sakineh Astiani, em 2010. São fatos ligados a sexualidade, com cobertura totalmente opostas. É assim também que a mídia age para a compreensão do Islã.

2.2- Identidades Islâmica e Ocidental e suas Características Fisiográficas

As duas realidades são diferentes também no que se referem às características fisiográficas. As populações islâmicas vivem geralmente em áreas de clima predominantemente desértico e com relevo de baixa altitude, com exceção das partes leste e, especialmente, norte dessa região – Afeganistão, norte do Irã e da Turquia – onde se localiza planaltos e cadeias de montanhas.

A principal planície é a da Mesopotâmia, localizada na Síria e principalmente no Iraque. Essa planície é formada pelos rios Tigre e Eufrates. As bacias sedimentares predominam especialmente na península Arábica e ao redor do golfo Pérsico, que são áreas rebaixadas e preenchidas por rochas sedimentares, ricas em hidrocarbonetos. Em terras islâmicas, segundo uma corrente majoritária, encontram-se quase 65% das reservas mundiais de petróleo e 30% das de gás natural.

É neste lugar com clima árido, com uma amplitude térmica que oscila 50°C durante o dia e temperaturas abaixo de 0°C durante a noite, com escassez física da água, que as populações islamizadas convivem com seu sagrado e possuem seus lugares santos. A Arábia Saudita é conhecida como a “Terra das duas Mesquitas Sagradas”, pois lá se encontra Meca e Medina. A primeira cidade localiza-se próximo ao mar Vermelho, nela nasceu Maomé, por volta de 570 da era cristã.

No centro de Meca há uma grande Mesquita, um grande templo, conhecida como Al-Haram onde se situa a Kaaba, considerada pelos muçulmanos a Casa de Deus. Na Kaaba encontra-se a Pedra Negra, que é beijada por todos os peregrinos do templo e que, segundo a tradição, foi entregue a Abraão pelo arcanjo Gabriel. Vale ressaltar que os seguidores do Islamismo rezam cinco vezes ao dia sempre voltados para Meca. A segunda cidade, Medina, situa-se a 190 km da costa do mar Vermelho, foi o primeiro aglomerado urbano a ser regida por princípios teocráticos islâmicos difundidos diretamente por Maomé.

Os jovens ocidentais, aqui representados principalmente por campinenses, vivem no planalto da Borborema de formação cristalina, no agreste paraibano, entre o litoral e o sertão, usufruindo assim de um clima semi-úmido. A altitude em torno de 551 metros garante temperaturas mais amenas durante boa parte do ano. As temperaturas máximas podem atingir pouco mais 30°C e 15°C nas noites mais frias do ano. É neste lugar de clima ameno que convivem com seu sagrado e fazem julgamento da realidade oposta.

Estas são apenas características fisiográficas, portanto não se defende a idéia de que o clima é o fator condicionador da criação das identidades e responsável por moldar as mentalidades como defendia os geógrafos do século XIX, que se apoiavam no Determinismo Ambiental.

2.3- A Criação das Identidades

A globalização possibilitou o contato destas duas realidades. “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza são as pessoas” (SANTOS 2002, p. 165 apud RIBEIRO. 2004).

Desta forma, percebe-se que atualmente há uma crise de identidade, representada por islâmicos e ocidentais. São duas identidades, uma sem conhecer de fato a outra, e quando oportuno, são poucos os alunos que se seguram para não argumentar sobre a identidade do Islã.

Como são criadas as identidades e por que elas se diferenciam tanto umas das outras? Para a geografia cultural, as identidades são criadas ao longo da história pela valorização de narrativas que contam e recontam estórias e histórias, acerca da cultura popular. Dá-se ênfase as origens de um povo e de um país. Valoriza-se o discurso de que as origens da nação é muito antiga e neste ponto insere-se valores e normas de comportamento, tudo isso através de repetição de estórias e histórias. Procura-se um mito que deu origem a nação. A ideia da identidade nacional também é criada pela valorização da perigosa idéia de um povo puro. Desta maneira forma-se um elo que nos prende invisivelmente ao passado.

Não é apenas um conjunto de histórias e mitos que constroem estas identidades. As instituições também desenvolvem um papel importante. Entre elas, é inquestionável o poder da escola como um espaço para criar e propor idéias. A escola é um centro difusor de valores.

Neste ambiente, muitas vezes a classe dominante cria valores, ideologias e forma cidadãos predispostos a acreditar em falsas verdades. Segundo Claval:

As representações que o indivíduo recebe através de sua educação, que ele aprende no contato com outros, que ele constrói e que reinterpreta, constituem um universo mental que se interpõe entre as sensações recebidas e a imagem construída em seu espírito (CLAVAL, 2010, p.93).

Portanto, é imperioso conhecer o que os jovens da elite campinense principalmente, vêem e compreendem esta religião, que aparentemente é bem diferente da deles, que são em sua maioria católicos. Ainda sobre a importância das instituições, o que dizer do papel dos meios de comunicação (também chamado de Quarto Poder) na formação das identidades nacionais e da criação de uma imagem acerca das populações islâmicas. Diferentemente do que se poderia imaginar, os meios de comunicações criam uma percepção padronizada da realidade, assim, Segundo Souza:

Mais da metade dos jornais impressos são em língua inglesa e que esse idioma preenche mais de 60% das horas de transmissões radiofônicas em nosso planeta, certamente esse poderio explica muito bem a ascensão do inglês no mundo todo. Os governos nacionais e os empresários dos grandes conglomerados empresariais não só incentivam como patrocinam prioritariamente as emissões. A difusão lingüística está intimamente associada à difusão cultural como um todo e, com ela, segue uma poderosa mensagem consumista, capaz de viabilizar a conquista de um mercado consumidor internacional para uma enorme gama de produtos através da criação de um *way of life*³ (SOUZA, 2001, p. 79).

Compreendendo o poder dos meios de comunicação, pode-se afirmar que as potências ocidentais passam, através das diferentes mídias, a ideia de que desejam democratizar os países islâmicos, justificando assim as invasões, que ocorrem na verdade visando conquistar jazidas de petróleo. Tais potências se utilizam também de um grupo minoritário: os xiitas⁴, que num conjunto total de populações islâmicas, segundo o Centro Islâmico no Brasil, Arresala, corresponde a 16% enquanto os sunitas⁵ somam 84%. Os xiitas constituem um grupo de fundamentalista predominante em países como Irã (89% xiitas e 10% de sunitas), Iraque (60% xiitas e 32% de sunitas), e Líbano (41% xiitas e 27% de sunitas).

³ Way of life: termo usualmente empregado para se referir ao modo de vida ocidentalizada.

⁴ Xiitas vem da expressão Shi' at Ali, que quer dizer os partidários de Ali.

⁵Sunitas se originada palavra suna que significa Caminho. Assim, os Sunitas são o povo do Caminho, o povo da Tradição.

2.4- A Utilização dos Xiitas na Compreensão da Identidade Islâmica

Os governos nacionais de diferentes potências ocidentais, especialmente Estados Unidos e Inglaterra, se utilizam de um grupo minoritário islâmico: os xiitas, que num conjunto total de populações islâmicas correspondem a 16% enquanto os sunitas somam 84%.

Segundo Kamel:

A morte do profeta definiu totalmente os rumos que a religião tomaria: ela foi responsável pela origem quase instantânea da divisão entre sunitas e xiitas. A tal ponto isso é verdade, que é extremamente didático contar como a morte de Maomé se deu, primeiro num relato segundo as tradições sunitas e, depois, num relato segundo as tradições xiitas. São como água e óleo (KAMEL, Ali, 2007.p.87).

Percebe-se que a divisão entre estes dois grupos, além de antiga está consolidada, pois existe desde a morte do profeta Mohamed. Para os sunitas, tudo começa num sábado, em junho de 632, logo após a última peregrinação feita por lugares considerados santos. Maomé teria passado mal e caído. O profeta atribuiu os males a tristeza pela morte de seu filho de dois anos, Ibraim e aos efeitos do veneno que tomou na tentativa de assassinato de Zainab, logo após a tomada da comunidade judia de Khaibar.

Ayishah era a esposa mais querida de Maomé e filha do principal amigo do profeta: Abu Bacre, que foi o primeiro dos quatro califas que os sunitas chamam de os “corretamente orientados”. Omar que foi o segundo califa ao visitar Maomé teria colocado sua mão na testa do profeta e disse que a febre do profeta estava muito alta. No domingo, Maomé piorou ainda mais a ponto de ficar inconsciente. Quando recuperou o domínio dos sentidos, pediu a Omar que lhe trouxesse papel e tinta porque gostaria de ditar algumas palavras que evitariam que seus seguidores “se perdessem para sempre”.

Omar pensou que era um delírio e perguntou a todos que estavam presentes: “Não é o Alcorão suficiente para todos nós? (OMAR apud KAMEL, 2007, p.89). Uma rápida discussão ocorreu, as mulheres queriam atender ao pedido do profeta, mas os outros resolveram perguntar novamente o que Maomé teria pedido. No meio da discussão o profeta pediu para ficar só. Depois pediu para sua querida esposa Ayishah, distribuisse moedas entre os pobres. Quando a esposa voltou, Maomé demonstrou um semblante de paz. Apesar de uma noite sofrida, na manhã seguinte, numa segunda feira, o profeta estava melhor.

Ainda sobre a morte do profeta Mohamed enfatiza Kamel que:

As notícias da piora do estado do profeta, porém, já tinham se espalhado, o que fez lotar a mesquita (os aposentos de Maomé eram dentro da mesquita). Abu Bacre liderou com devoção as preces matinais, no lugar usualmente ocupado por Maomé. Todos estavam já estavam fazendo o segundo *rakaát* (o movimento de curvar-se em louvor a Deus), quando as cortinas dos aposentos de Ayishah se abriram e Maomé em pessoa apareceu. Ele olhou a multidão com um sorriso nos lábios, um sorriso de satisfação: ver a multidão rezando deu a ele o conforto de que ele tinha cumprido a sua missão. Maomé caminhou lentamente até onde estava Abu Bacre, que, muito concentrado em suas orações, só percebeu a presença do profeta pela comoção que sentia estar vindo dos fiéis reunidos (KAMEL, 2007, p. 89).

Conta-se que Abu Bacre ao ver o profeta, recuou do púlpito para se juntar aos demais e ceder lugar ao profeta, mas este ordenou que ele continuasse liderando as orações. Maomé voltou para seus aposentos, deitou na cama, tomou água e por três vezes repetiu, chamando o anjo: “Gabriel, venha para perto de mim!”. Maomé em seguida sussurrou: “Ó Senhor, me conceda o perdão! Eternidade no Paraíso! Perdão! Eternidade no Paraíso! Perdão!” (MAOMÉ apud KAMEL, 2007, p.90). Teria sido estas as últimas palavras do profeta.

Para os xiitas, a morte do profeta Mohamed também teria começado depois da peregrinação. Três dias depois de voltar à doença se agravou com uma febre muito alta. Ele pôs uma faixa na cabeça e, amparando-se em seu queridíssimo Ali, caminhou até a mesquita, subiu ao púlpito e falou “ninguém chega até o Paraíso sem boas ações e sem obedecer a Deus. E, ao final, disse: “Ó Senhor, eu entreguei a Sua mensagem!” (MAOMÉ apud KAMEL, 2007, p.90). Maomé teria saído da Mesquita e procurado abrigo na casa de Umma Salmma, uma de suas esposas, onde por uns dois dias.

Conta Kamel:

Mas Ayishah, a amaldiçoada, conseguiu, com estratégias, induzir o profeta a ir para a casa dela, onde a doença se agravou ainda mais. Na hora das orações matinais, os fiéis foram chamados a mesquita, mas o profeta estava tão mal que não pôde ouvir. Ayishah mandou avisar o seu pai Abu Bacre, para que ele tomasse o lugar do profeta, liderando as orações. Hafsah, outra esposa do profeta, fez o mesmo em relação a Omar, seu pai. As duas começaram a discutir, diante do profeta, quem teria a primazia, supondo que ele não as poderia ouvir, mas, de repente, Maomé gritou: “Parem com essa conversa. Vocês se parecem com aquelas mulheres que tentaram pôr José na perdição!” (MAOMÉ apud KAMEL, 2007, p.90).

Conta-se também que desta maneira Maomé descobriu que Omar e Abu Bacre descumpriram as suas ordens de uma expedição militar e ficaram em Medina com o desejo de sucedê-lo. Muito enfraquecido, Maomé foi até a mesquita com a ajuda de Ali e encontrou Abu Bacre, liderando as orações matinais. E teria sido com um sinal que o profeta ordenou que Abu Bacre deixasse o púlpito e ele mesmo iniciou novamente as orações. Terminada a

cerimônia Maomé repreendeu Abu Bacre e Omar, e ordenou que fossem para a expedição militar antes determinada.

Kamel (2007), Sobre o Islã, escreve a respeito de Maomé:

O esforço da obrigação foi tanto que o profeta exauriu-se ainda mais, levando os presentes as lágrimas. Pouco depois, já deitado, o profeta abriu os olhos e pediu papel e tinta, pois queria deixar por escrito recomendações que evitariam que todos caíssem em perdição. Embora a cena seja objeto de dúvida, muitos foram testemunhas de que, quando um dos presentes foi cumprir a ordem, Omar teria dito: “Volte, não vê que ele está delirando? A doença tomou conta dele e o Alcorão é suficiente para nós!” Diante da pergunta, o profeta disse que não seria mais necessário, mas ameaçou com a pena de morte aquele que não tratasse bem a sua família ou se voltasse contra ela, referindo-se sem dúvida a Ali e Fatima, e a seus netos Hasan e Hussein.(KAMEL, 2007, p.92).

Antes de morrer Maomé teria dado a Ali vários itens que teria usado na viagem ao Paraíso. Ali levou os objetos para sua casa e quando voltou Maomé disse perante todos os presentes “Ó muçulmanos, Ali é meu irmão, meu sucessor, meu califa. Ele pagará meus débitos e cancelará meus acordos. Não se oponham a ele, não o invejem!” (MAOMÉ apud KAMEL, 2007, p.92).

O que está em jogo entre estes dois grupos, sunitas e xiitas, é a questão do califa, ou seja, o sucessor de Maomé. Segundo os sunitas, o profeta nunca indicou quem seria seu sucessor. Já para os xiitas, o profeta teria deixado claro que seu primo Ali, a quem tinha dado sua filha Fátima como esposa, deveria ser o sucessor. Conta-se que Maomé certa vez disse: “Eu sou a cidade do conhecimento, e Ali é o portão dessa cidade” (MAOMÉ apud KAMEL, 2007, p.96). Os xiitas afirmam que com esta frase Maomé passou o califa. Enquanto os sunitas afirmam que a frase expressa apenas admiração por Ali.

É necessário esclarecer que estes dois grupos principais ainda podem ser subdivididos. No grupo xiita encontram-se também os salafistas, que desejam a purificação da religião, é proibido comemorar datas festivas, mesmo que seja o aniversário de Maomé. A música, o álcool e o fumo têm de ser banidos e as mulheres ficam relegadas a uma condição de segunda classe. Deve-se viver como eles acreditam que o Alcorão prega, observando sempre a Sharia⁶. Além dos castigos físicos: adúlteros devem ser apedrejados, ladrões devem ter o braço amputado. E, o mais perigoso: a lealdade deve sempre existir ao governante que tiver o Alcorão como lei.

Para Kamel (p.179) Ibn Taymiyya, um filósofo do século XIII, E Al-Wahhab, do século XVII, formam a base desse pensamento conhecido como *Salafi*, uma palavra árabe que

⁶Sahria é um termo empregado para se referir à guerra santa islâmica.

se refere aos tempos dos pioneiros do Islã. Cada vez mais se conhece o termo “Wahhabismo”, e ele é fundamental para se entender o extremismo religioso, base do terrorismo islâmico.”

Isto posto, deve-se ainda questionar: então, também não são todos os xiitas que querem uma guerra santa e são a favor do terrorismo? Exatamente. Os salafistas acreditam que Deus já revelou Suas leis e já anunciou que Seu último profeta foi Maomé, não existe mais espaço para revelações e nenhuma lei humana pode ser respeitada. Sendo assim, os muçulmanos não têm nenhuma nacionalidade senão sua crença. Os salafistas acreditam que as leis divinas só serão postas em praticas com governos teocráticos.

Kamel ao se referir ao salafismo escreve:

A luta é, portanto, fazer o Islã vencer em todo mundo, porque a mensagem do Alcorão é universal. É obrigação de todo muçulmano se engajar nessa luta, em escala mundial, até que a lei de Deus esteja implantada em todo planeta. O mundo que eles querem é esse: todo ele islâmico, sem exceção. É um mandato de Deus. (KAMEL, 2007, p.184).

É um crime atribuir todo radicalismo islâmico aos xiitas. Este grupo também possui aspecto de fundamentalismo. O extremismo religioso é praticado pelos xiitas da linha salafista. Quando se fala do Sagrado Islã, nota-se que além de má intenção, muitas vezes falta conhecimento. Desta maneira, usando a imagem dos xiitas-salafistas, forma-se um cenário onde o Islamismo passa a ser difundido pela mídia e visto pela comunidade internacional, como uma religião violenta a ponto de confundir-se com o terrorismo. Propaga-se a idéia da jihad, guerra santa.

Então, a visão de muitos ocidentais sobre o Islã foi criada por interesses de potências ocidentais e não corresponde de fato a realidade, pois se mostra na maioria das vezes os xiitas.

Observe o que diz Souza sobre este fato: “Freqüentemente, elas são transformadas em populações-alvo às quais são administradas receitas econômicas prontas. Os projetos se tornam projéteis. Quem escolhe o alvo não deve se surpreender, um dia, de tornar-se alvo, também” (Zaoual, p. 85-86, 2003).

O famigerado terrorismo islâmico, portanto é uma resposta ao intervencionismo ocidental sob populações islâmicas. É a maneira encontrada de repudiar o invasor, que o afasta do sagrado, descaracteriza sua cultura e deseja usurpar riquezas naturais, petróleo e gás natural.

É urgente elucidar que a expressão “terroristas islâmicos” trata-se, na verdade, de dois conceitos que ao serem associados repetidas vezes acaba por confundir islâmicos com

terroristas. Alguns fatos históricos podem esclarecer a construção da imagem de um Islã violento. Conforme Kamel:

Após a morte de Ali, e a consolidação do califado omíada, com sede em Damasco, que duraria de 661 a 750, o islã expandiu-se de modo extraordinário. Neste curto período de tempo, os muçulmanos tomaram o resto que faltava da antiga Síria, a Mesopotâmia (atual Iraque), a Pérsia, o Egito, o Afeganistão, o Turquestão chinês e o norte da Índia. Expandiram-se também pelo norte da África, o Magreb, a Península Ibérica, sendo parados em sua expansão em Poitiers, na França, em 732. (KAMEL. 2007,p, 110).

Em apenas 71 anos o Islã criou um império que praticamente ia do norte da Índia as portas da França. Nessas regiões as populações se islamizavam, muitas vezes, para não pagarem impostos maiores que os muçulmanos.

Figura 1



Fonte: disponível em: < Kamel. 2007, p, 112 >

A Revolução Iraniana de 1979, derrubou o Xá Muhammad Reza Pahlevi, que teve um governo de aproximação com o ocidente e mais intensamente com os Estados Unidos. Nesta

época havia um desejo de aproximar islâmicos de ocidentais. Os líderes religiosos consideravam essa atitude uma verdadeira heresia. Esta conjuntura foi drasticamente interrompida com a subida dos Aiatolás no poder, sendo o primeiro Khomeini.

A partir de então, o “clero” assumiu o poder, criou um governo fundamentalista que obstaculiza o contato de islâmicos com ocidentais para isto, entre outras medidas, a internet foi censurada, Mac Donald foi fechado. Foram introduzidos castigos físicos para quem violasse as regras da Sharia. Nos quatro primeiros anos de governo, cerca de cinco mil pessoas foram executadas.

Outro fato histórico importante foi o lançamento do livro *Versos Satânicos*, escrito pelo indiano Salman Rushdie em 1988. Trata-se de um romance polêmico começando pelo título que sugere o Alcorão como sendo ditado pelo satanás. A obra foi encarada entre os islâmicos como uma provocação ao ponto do autor viver vários anos clandestinamente devido a sentenças de morte.

Reportagens na televisão e revistas mostraram seguidores xiitas do Islã queimando bandeira estadunidense em vários episódios como nas invasões dos Estados Unidos ao Afeganistão em 2001. Ocorrendo o mesmo na invasão ao Iraque em 2003. As charges do profeta Maomé publicada pelo jornal dinamarquês em 2005. Neste último caso a revista *Veja* escreveu:

Os debates entre o Ocidente e o mundo islâmico são muitos - políticos, religiosos, culturais. O caso, no entanto, parece não se restringir a uma saudável discussão de idéias. As reações à citação feita pelo papa Bento XVI em 2006 e às charges de Maomé publicadas por jornais dinamarqueses em 2005 demonstraram que os muçulmanos, mais do que ter pontos de vista diversos dos da civilização ocidental, odeiam-na. Um ódio que se mantém velado em parte do tempo, mas que, ao emergir, revela-se profundo e perigoso. Os rompantes de fúria costumam ser desproporcionais aos motivos que os originam. Acontecimentos banais tomam proporções absurdas (VEJA ON-LINE, 2006).

Percebe-se a intenção da revista em denegrir a imagem do Islã, pois passa a idéia de que os muçulmanos odeiam valores, idéias, visão política e a cultura ocidental. Ora, o que dizer do uso de celular para gravar manifestações pro democracia e sua postagem em sites como o youtube? E o uso das redes sociais para criação de comunidades contra governos autoritários como ocorrido no Egito, país africano e que praticamente consolidou a Primavera Árabe?

A intolerância, é claro, também existe do Ocidente em relação aos islâmicos. No entanto, valores como liberdade, tolerância e direitos humanos, praticados pelos ocidentais, ajudam-nos a evitar que discórdia se transforme em violência. A Igreja Católica, ao incorporar esses valores, pôs fim à guerra santa cristã. A jihad, no entanto, continua derramando sangue. Isso porque líderes de países muçulmanos e clérigos extremistas deliberadamente aproveitaram a indignação dos fiéis com as

charges para promover um surto de ataques ao Ocidente e à democracia (VEJA ON-LINE, 2006).

Neste jogo de ideias percebe-se a intenção do veículo em minimizar a responsabilidade de ocidentais na relação conturbada com o mundo islâmico. Ainda apresenta o Islã, na figura de seus fiéis e líderes, como uma religião conservadora com aversão a direitos humanos e valores relacionados.

Recentemente o filme *Innocence of Muslims* (Inocência dos Muçulmanos, em tradução livre) gerou polêmica e as cenas ditas acima se repetiram. Neste caso fica evidente que os xiitas não querem ou não conseguem separar a ação de um cidadão que estava nos Estados Unidos com as ações do governo deste mesmo país. Todos estes fatos criaram no imaginário dos ocidentais a idéia de um Islã organizado como um movimento político, armado avesso aos valores ocidentais e sem grande afinidade com outras religiões monoteístas como Judaísmo e Cristianismo.

Nesta relação, mundo islâmico e ocidente, notam-se duas forças atuantes principais: o processo de globalização que atua tentando homogeneizar espaços e grupos islâmicos radicais, como já foi explicado, e que também tenta homogeneizar espaços e formar uma sociedade mundial com base islâmica do século VI. Diante deste impasse é preciso lembrar Milton Santos que desde a década de 1980 já diferenciava cidadão de consumidor:

O consumidor não é cidadão. Nem o consumidor de bens materiais, ilusões tornadas realidades como símbolos; a casa própria, o automóvel, os objetos, as coisas que dão *status*. Nem o consumidor de bens imateriais ou culturais, regalias de um consumo elitizado como o turismo e as viagens, os clubes, e as diversões pagas; ou de bens conquistados para participar ainda mais do consumo, como educação profissional, pseudo-educação que não conduz ao entendimento do mundo (SANTOS apud RIBEIRO, 2004, p.175).

Em suas palavras fica claro que o posicionamento da sociedade deve ser contrário a qualquer forma de imposição de consumo de bens materiais ou imateriais. E que deve prevalecer o respeito às peculiaridades dos lugares e de suas identidades.

O fato de muitos ocidentais julgarem o Islã como uma religião de extremistas é injusto e desigual, pois eles não possuem uma variedade de mídias para se defender na mesma proporção dos ataques ocidentais.

3 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE E DA ESCOLA VIRGEM DE LOURDES

3.1 Localização Geográfica de Campina Grande

A cidade de Campina Grande possui uma área de 644,1 km², localiza-se a 07° 13' 50'' de latitude e 35° 52' 52'' de longitude. Possui uma altitude por volta 551 metros, situa-se numa estrutura geológica cristalinas ob parte do planalto da Borborema. Sua localização entre litoral e o sertão confere a seus habitantes um clima semi-úmido.

3.2 Fundação de Campina Grande

Não há um consenso entre os pesquisadores sobre o ano de nascimento de Campina Grande. Segundo os pesquisadores Jônatas Lacerda e Agostinho Lira:

Alguns admitem o ano de 1697, mercê do então governador da Província, Manoel Soares de Albergaria. Esta seria a provável data de fundação do primitivo povoado, atribuída ao capitão-mor do sertão das piranhas, cariris e piacó, Teodósio de Oliveira Ledo. [...] Nesse particular o capitão Teodósio não masque havia-se de passagem para a capital, cidade da Parahyba, vindo de nossa Senhora Sr.^a de Bom Sucesso do Piacó, atual cidade de Pombal. Ao fazer pousada na região conhecida como “A Campina Grande”, aldeara um grupamento de índios Dzubucuá-Carirys, de origem baiana, da várzea do Rio São Francisco e paragens próximas à Propriá, berço desse entradista sergipano. (LACERDA Júnior; LIRA, 2012, p. 2).

Foi justamente com Teodósio de Oliveira Ledo que “A Campina Grande” passou a se integrar com as sub-regiões do sertão e do litoral. Em 6 de abril de 1790 o atual município foi elevado a categoria de vila e passou a se chamar de Vila Nova da Rainha. O novo nome não agradou muitos os moradores continuaram a valorizar o nome anterior chamando-a sempre de Campina Grande. Neste período a base econômica local era o cultivo de algodão, feira de cereais e lógico a feira de gado a maior da Paraíba. O status de cidade só foi concedido em 11 de outubro de 1864.

3.3 Campina Grande Cidade Universitária, Pólo Tecnológico e Grande Riqueza Cultural

Campina Grande é conhecida nacional e internacionalmente por sua cultura que quanto ao design urbano se expressa no modelo Art Déco; por seus festejos juninos criados

pelo então prefeito Ronaldo Cunha Lima em 1983 que se realiza anualmente no Parque do Povo. Destaca-se também por ser um tecnopolo na área de informática e da eletrônica ao ponto de ser destaque em revistas como Newseek em 18 de julho de 2003 e pela Veja no decorrente ano. Os avanços tecnológicos se devem a criação do Centro de Incubação de Empresas da PaqTc-PB, inaugurada em 1992. Atualmente o município é sede de um dos principais núcleos do Soflex – 2000 - programa nacional de desenvolvimento e produção de software para exportação.

Desenvolvendo também o papel de cidade universitária, concentrando duas instituições públicas como Universidade Estadual da Paraíba e a Universidade Federal de Campina Grande. E várias faculdades particulares como a UVA, UNESC, CESREI e FACISA que se destaca com os cursos de Arquitetura e Urbanismo e Ciências Aeronáuticas.

3.4 Fundação e localização da Escola Virgem De Lourdes

É neste município com clima semi-úmido, marcado pela força da educação e tecnologia que se localiza a Escola Virgem de Lourdes. Esta surgiu inicialmente como uma casa de apoio para as Irmãs que viajavam entre Monteiro e João Pessoa, onde já existiam escolas das Irmãs Lourdinas. Em Campina Grande a primeira casa a abrigar as Irmãs, em 17 de janeiro de 1953, localizava-se na Avenida Getúlio Vargas, n.º 828. Era um imóvel alugado ao Dr. Antônio de Almeida.

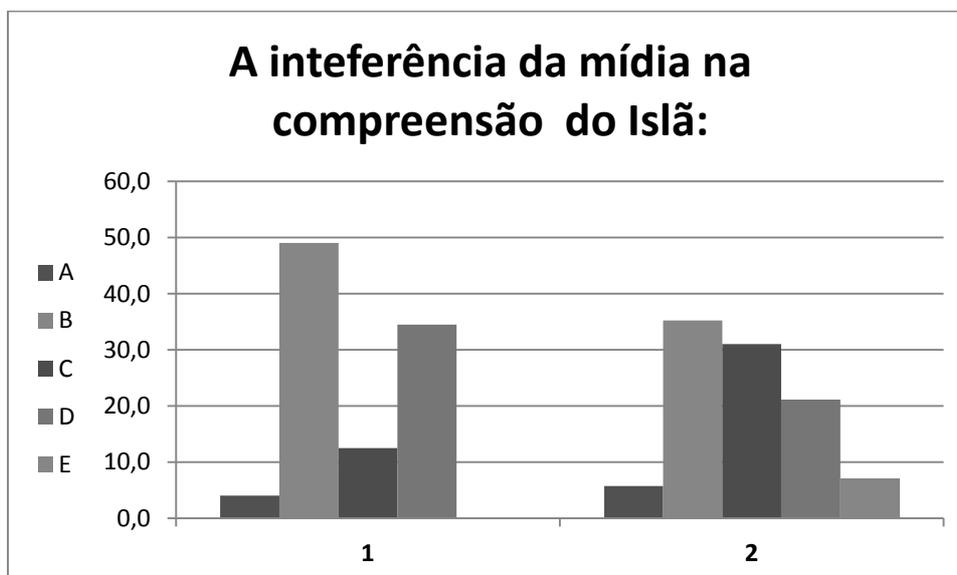
A primeira comunidade era formada por irmãs paraibanas: Madre Maria Débora – Superiora; Irmã Maria Angelina; Irmã Maria Benedita; Irmã Maria de Fátima; Irmã Maria Félix e Irmã Maria Lúcia. Foram elas que ainda em condições precárias fizeram a Escola Virgem de Lourdes. O primeiro dia de aula ocorreu em 11 de fevereiro de 1953. As irmãs que atualmente moram na escola contam que a abertura do ano letivo se iniciou com a Festa de Nossa Senhora de Lourdes e com uma procissão. O sucesso de matrículas obrigou a transferência da escola para Rua Vidal de Negreiros em 1955. Já em 1958, devido à insistência dos pais, as Irmãs se viram na delicada situação de abrir o Curso Ginásial e conseqüentemente mais uma vez mudar de endereço. A escola estava crescendo e a necessidade de uma sede própria se fazia urgente.

O governador da época, Dr. Flávio Ribeiro era tio e cunhado da Madre Maria Débora – Superiora, e segundo a Ir. Maria Lúcia Sobreira liberou dois mil cruzeiros, quantia tão avultada na época que a recebemos por parcelas. A nova sede passou a ser construída em 1958 e foi inaugurada no ano de 1960 quando houve a substituição do nome Instituto Nossa

Ao serem questionados se as pessoas confundem Islamismo com o terrorismo, 48% dos entrevistados afirmaram que sim. 35% disseram que os seguidores do Islamismo quase sempre dão motivos para serem confundidos como ou com terroristas. Estas respostas, com um percentual tão expressivo é revelador do poder da mídia sobre as mentalidades. Pergunta-se: como e por que eles confundem? Ora, as informações que chegam sobre a comunidade islâmica são difundidas por mídias que não são independentes de interesses econômicos e políticos de governos e particulares. Neste caso, percebe-se a vitória dos meios de comunicações em mostrar, geralmente, os seguidores xiitas como sendo o único grupo islâmico. Se a mídia não fosse tendenciosa, ao noticiar atos violentos de populações islâmicas deveria enfatizar mais que tais atitudes foram tomadas por um grupo minoritário islâmico que não corresponde se quer a 20% da população.

Ao serem perguntados se havia interesse da mídia em desvirtuar, em deturpar o Islamismo, 35% dos entrevistados responderam que sim. Enquanto 30% afirmaram que às vezes há sim o interesse da mídia em deturpar a imagem do Islã. 21% afirmaram que quase sempre existe tal interesse. 6% deles viam uma maldade da mídia em deturpar o Islã. Pouco mais de 60% das pessoas perceberam certa interferência da mídia em relação ao Islã.

Gráfico: 1



Fonte: CARVALHO, Jogli Gidel de Almeida. Pesquisa de Campo, 2012.

Para Marshall Berman (2003):

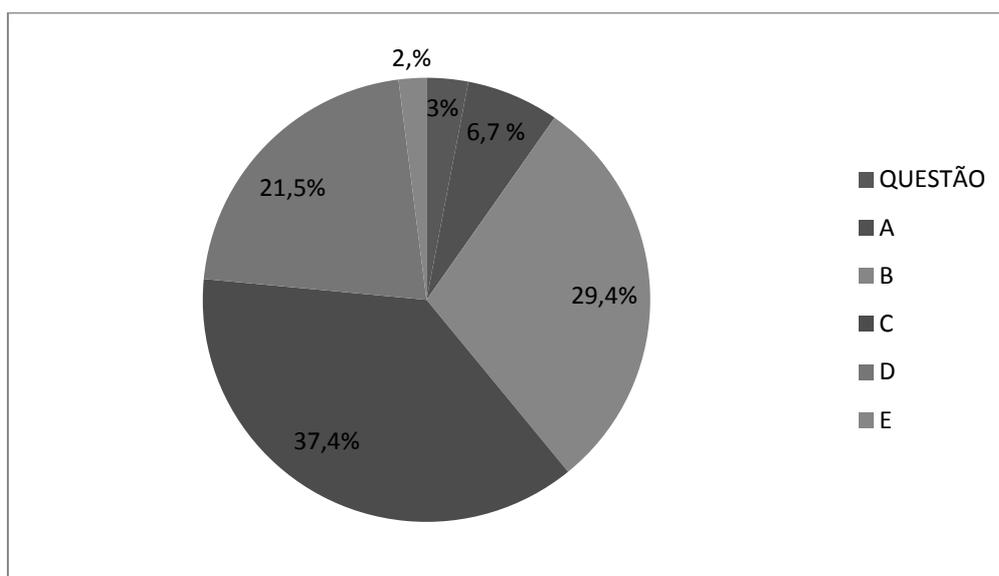
As massas não têm ego, nem id, suas massas são carentes de tensão interior e dinamismo; suas idéias, suas necessidades, até seus dramas ‘não são deles mesmos’; suas vidas interiores são ‘inteiramente administradas’, programadas para produzir exatamente aqueles desejos que o sistema social pode satisfazer, nada além disso (BERMAN, op. cit, p.30).

O pensamento expresso por Berman reitera a importância dos agentes sociais na criação de uma pseudo realidade partindo da geração das necessidades até a visão de mundo que a massa tem da realidade. Os resultados demonstram claramente que a mídia interfere na visão dos alunos e da população acerca do tema. Esta temática é além de empolgante, importante, pois numa pesquisa com jovens entre 17 e 18 anos, onde não era obrigatório responder, ninguém respondeu que não se interessava pelo tema.

Ao serem questionados se o Islamismo é uma religião radical, 37,4% afirmaram que a religião quase sempre dá motivos. 29,4% afirmaram que sim. 21,5% dos entrevistados, por conhecerem mais profundamente o tema e saber que são xiitas fundamentalistas, afirmaram que a religião islâmica não é violenta.

Um fato que chama muito a atenção é que nesta questão, a mais polêmica, um aluno não se manifestou. O que demonstra claramente que o mesmo não quis se comprometer. Pode refletir também a profundidade do tema, pois como a afirmar se uma religião é radical se as informações que chegam são tendenciosas.

Gráfico: 2 O Islã É Radical?



Fonte: CARVALHO, Jogli Gidel de Almeida. Pesquisa de Campo, 2012.

Na questão três foi perguntado se o Islamismo é uma religião radical, 37,4% disseram que quase sempre dá motivos. Na questão quatro foram questionados sobre as chances dos ocidentais tornarem-se seguidores do Islã, 25% dos entrevistados responderam que é muito difícil um ocidental tornar-se seguidor do Islamismo. Ao relacionar os dados e as repostas das questões três e quatro pode-se afirmar que praticamente os alunos que vêem o Islamismo como uma religião radical (29,4%) também afirmam que os ocidentais muito dificilmente seguiriam o Islã (25%). Isto indica que há coerência nas respostas.

Os entrevistados foram indagados se o Islamismo é uma religião muito estranha. Este questionamento é válido porque há duas identidades, bem diferentes no falar, no vestir, no habitar, nas crenças religiosas e valores. 52,7% dos entrevistados responderam que trata-se apenas de uma religião diferente. O grande percentual reflete o aprendizado do conceito de etnocentrismo⁷ Tema muito trabalhado em sala de aula, justamente com o objetivo de quebrar preconceitos, estranhamento entre diferentes culturas e religiões. 11,36% afirmaram que o Islã é estranho por ser muito conservador. Este grupo é formado por aqueles que confundem a religião islâmica com xiitas fundamentalistas e tem o Islã como um movimento político organizado e interessado em islamizar outros povos.

Nos aspectos em que os alunos poderiam achar o Islã estranho, por permitir a poligamia e as mulheres andarem totalmente cobertas, ficou evidente que os alunos são estudiosos e, muitos sabem separar a realidade do Islamismo daquela passada pela mídia. Ao serem interrogados sobre a participação das mulheres nas sociedades islamizadas, mais de 50% afirmou ser revoltante. O que significa dizer que mesmo conhecendo o conceito de etnocentrismo, como citado anteriormente, eles não toleram submissão e nem desrespeito aos direitos humanos mesmo que seja por uma questão cultural.

Os entrevistados ainda demonstraram ter conhecimento de onde se localizam os países islâmicos, pois quase 90% indicaram o Oriente Médio e o Norte da África. Há de se registrar também que nas aulas sobre o Oriente Médio, ao serem informados que a expressão Oriente Médio está errada e que o correto é Sudoeste da Ásia, muitos se chocam e perguntam como pode professor? Por que não mudam?

São questionamentos simples e importantes, reveladores do desconhecimento ou desconsideração em relação ao tema. Portanto é de grande valia indicar quais os mecanismos que atuam para desvirtuar o Islã, quais meios podem ser utilizados para evitar que o sagrado

⁷ Etnocentrismo significa julgar outras culturas a partir do próprio valor cultural. Desta maneira as outras culturas se apresentarão como estranhas e muitas vezes erradas.

Islã que possui tantos valores afins com judaísmo e cristianismo seja apresentado como um sagrado distante e incompatível com mundo globalizado.

Chances dos Ocidentais tornarem-se Islâmicos e o que há de estranho no Islamismo:

Gráfico: 3

Alternativas	A	B	C	D	E
4ª Questão	12,5%	38,6%	25%	21,6%	2,2%
5ª Questão	4,54%	11,36%	28,40%	3,40%	52,7%

Fonte: CARVALHO, Jogli Gidel de Almeida. Pesquisa de Campo, 2012.

Os dados aqui apresentados revelaram a interferência da mídia na compreensão do Islã, a falta de conhecimento e a má intenção dos meios de comunicação em relação a este sagrado. A mídia utiliza a imagem dos Xiitas, grupo minoritário islâmico, para denegrir a imagem desta religião. A interferência dos meios de comunicação também foi detectada pelos alunos, pois 65% deles perceberam esta realidade. É urgente a criação de um movimento nas diferentes esferas da sociedade objetivando um esclarecimento da identidade aqui estudada. Neste aspecto muito contribui a geografia, nos diferentes níveis de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu da inquietação das aulas de geopolítica, diversidade cultural e temas relacionados, observar que havia na opinião de muitos alunos uma distorção do sagrado Islã a ponto de ser confundido como religião de terroristas e de desrespeito as mulheres e aos direitos humanos. E também de perceber a situação frágil em que a população islâmica se encontra com vários governos autocráticos, alguns teocráticos como o Irã, possuir as maiores reservas de petróleo e ser constantemente acusada de praticar a guerra santa contra os infiéis.

Os geógrafos devem perceber as interferências que a globalização está provocando na comunidade islâmica e no entendimento desta identidade em nível mundial. Portanto, já se fazia necessário analisar o tema mais profundamente e descobrir o real entendimento dos alunos, e conseqüentemente de parte da população, acerca do Islamismo e se a mídia de fato constrói e contribui para uma imagem negativa das populações islâmicas.

A conclusão da pesquisa é que 83% dos entrevistados afirmavam que a população de modo geral confunde o Islã com terrorismo. E 37,4% deles afirmavam que os seguidores do Islã quase sempre dão motivos para ter sua imagem associada ao radicalismo. Estes dois dados são reveladores da falta de conhecimento mais aprofundado sobre o tema. Pois, o extremismo religioso, o terrorismo islâmico, expressão intensamente usada pelos meios de comunicação, a jihad é praticada pelo grupo salafista e não pelos islâmicos de maneira geral. Não é o princípio religioso que prega o radicalismo e o extremismo e sim uma leitura sem a interpretação correta e respeitosa para com outras tradições. Para o desconhecimento acerca do tema muito contribui os livros didáticos que não abordam corretamente o tema, diferenciando os grupos islâmicos. É lógico a pouca pesquisa por parte de professores para esclarecer o tema.

Estes dados também revelaram o poder da mídia sobre as pessoas, pois 35% dos entrevistados perceberam um interesse da mídia em desvirtuar o Islã, pois as notícias sobre este credo geralmente o associa a algum tipo de conflito. É bem diferente de como se mostram os budistas e seus monges que são associados a uma vida mais afastada do tumulto das grandes cidades, quase sempre os mostram em zazen⁸ e com um semblante de quem encontrou a paz. A repetição acaba por contribuir para a “compreensão” acerca da realidade.

As relações entre Ocidente e Mundo Islâmico se constituem em um dos mais importantes conhecimentos, sendo inclusive motivo de publicações em livros como Choque de Civilizações de Samuel Huntington e Diversidade Cultural de Hassan Zaoual, e também

⁸Za zen é uma expressão japonesa onde za significa sentar e zen estado meditativo profundo. Zazen é a pratica espiritual dos monges zen budistas.

filmes como *Syriana*, *The Releectant Fundamentalist* que abriu o festival de cinema de Veneza do decorrente ano.

Por isso, é fundamental estudá-lo profundamente nos diferentes níveis de ensino, pois como já foi dito, existe o interesse de potências ocidentais em desvirtuar o Islamismo através de invasões que são justificadas pela implantação de regimes democráticos e capturar líderes terroristas islâmicos. Portanto, as transformações trazidas pelos diferentes avanços tecnológicos obrigam a sociedade global adquirir novas formas de compreensão e cooperação.

Neste contexto, percebe-se que atualmente os geógrafos de modo geral, têm apenas reproduzido uma realidade criada erroneamente pela mídia, que insiste em associar a imagem do Islamismo ao terrorismo, em apontar esta fé como conservadora e até repugnante. É necessário que os geógrafos conheçam, mas diferentes identidades para fendê-las de deturpações, passando assim a valorizá-las não só pelas semelhanças, mas também pelas diferenças que embelezam os diferentes lugares e enriquece a paisagem cultural mundial.

6 REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é solido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. P 30.

CLAVAL, Paulo. **As abordagens da geografia cultural**. In. CASTRO, Iná Elias de; CORREA, Roberto Lobato (org). *Explorações Geográficas: Percurso no fim do século*. 4.ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Conteúdo aberto. In. Arresala: **associação Islâmica do Brasil**, disponível em: www.Arresala.org.br. acesso em 11 de novembro de 2012.

Conteúdo aberto. In. **Wikipédia: a encyclopedia livre**, disponível em: [HTTP://Pt;Wikipédia.org/wiki/xiismo](http://Pt;Wikipédia.org/wiki/xiismo).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNIOR, Jônatas Araujo de Lacerda; LIRA, Agostinho Nunes de Costa. 1.ed. Campina Grande: UFCG, 2012.

KAMEL, Ali. **Sobre o Islã: a afinidade entre mulçumanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

LAWRENCE, Wright. **O vulto das torres: a AL Qaed e o caminho até o 11/9**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RIBEIRO, Wagner Costa. **Globalização e geografia em Milton Santos**. In. SANTOS, Milton; BRANDÃO, Maria (org). **Milton Santos e o Brasil**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 165-178

SOUZA, José Álvaro de. **Geografia lingüística: dominação e liberdade**. 3. ed. São Paulo: Contexto. 2010.

ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural: textos selecionados e traduzidos por Michel Thiollent**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Conteúdo aberto. In. **Site Oficial da Prefeitura Municipal de Campina Grande**, disponível em www.campinagrande.pb.gov.br

APÊNDICE

Questionário:

1. As pessoas confundem islamismo com terrorismo?

- a) Não.
- b) Sim.
- c) Às vezes.
- d) Quase sempre.
- e) Não me interessa.

2. Há interesse da mídia em deturpar a imagem do Islamismo?

- a) Não.
- b) Sim.
- c) Às vezes.
- d) Quase sempre.
- e) Maldosamente.

3) O Islamismo é uma religião radical?

- a) Não.
- b) Sim.
- c) Quase sempre dá motivos.
- d) Nunca dá motivos.
- e) Iguala-se as outras.

4) Quais as chances dos ocidentais tornarem-se seguidores do Islamismo?

- a) Nenhuma.
- b) Há chances.
- c) Muito difícil, pois é uma religião radical.
- d) É mais fácil seguirem qualquer outra religião.
- e) Depende do grau de escolaridade e da renda.

5. O Islamismo é muito estranho, pois:

- a) Permite a poligamia.
- b) As mulheres andam totalmente cobertas.
- c) Muito conservador.
- d) Não acho estranho.
- e) É apenas diferente.

6. A participação das mulheres islâmicas nos países onde a religião predomina é:

- a) Comparada as mulheres durante a Idade Média.
- b) Muito estranha, pois elas aceitam a poligamia masculina.
- c) Relegada a segundo plano por uma questão cultural.
- d) Total submissão.
- e) Revoltante.

7. O Islamismo predomina:

- a) Oriente Médio, Norte da África e partes da Ásia.
- b) Oriente Médio.
- c) Norte da África.
- d) Ásia.
- e) Não sei exatamente.

8. Em que o Islamismo pode contribuir para um mundo melhor? Que mensagem você deixa para os seguidores do Islamismo?